

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

Ano IX, Nº 256 - Volume XXVIII - Porto Velho - junho/2010

ISSN 1517-5421

EDITORES

**NILSON SANTOS E
ESTEVÃO RAFAEL FERNANDES**

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA HOLANDA - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

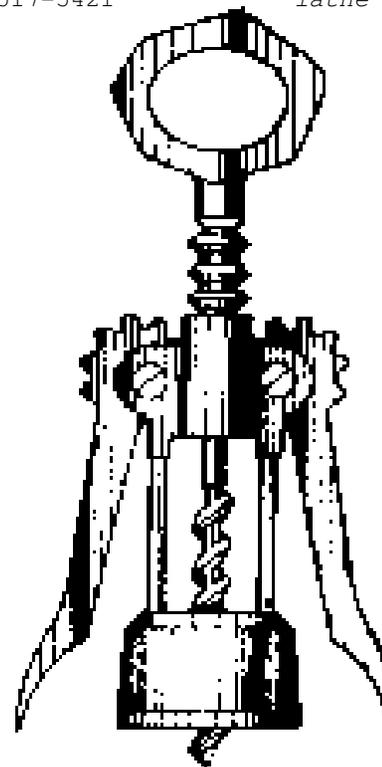
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

256



máquina tribal: máquina contratual

Alberto Lins Caldas



Alberto Lins Caldas

Universidade Federal de Alagoas-UFAL

Departamento de História

www.albertolinscaldas.unir.br

albertolinscaldas@yahoo.com.br

Resumo: Fragmentos sobre a idéia de “Máquina Contratual” enquanto noção central da Máquina Tribal.

Palavras-chave: Máquina Tribal, Corpo, Liberdade, Sentimentos, Memória, Gênero, Totalitarismo Vítreo.

Abstract: Fragments about the Idea of “contractual machine” while central notion of Tribal Machine.

Key-Words: Tribal Machine, Body, Freedom, Feelings, Memory, Gendre, Vitrel Totalitarism.

“Este vasto e universal teatro
O mundo inteiro é um palco,
todos os homens e mulheres
não passam de atores.”

Como Gostais
Shakespeare

i

*. o caos (devires de forças cruas: ponto de partida) q jorra dos corpos máquinas contratuais entrará nas malhas vivas de forças ritualizadas, “iniciando” os processos de formatação: produções do corpo e suas multiplicidades, o corpo e suas possibilidades essenciais, o corpo enquanto “unidade” de “programas” [o corpo é a ilusão de unidade, de autonomia, de liberdade, de vontade, de individualidade de uma máquina contratual]: uma máquina contratual é uma máquina radicalmente simples: poucos “programas” produzidos ritualmente (produzir as produções q faz ela “perseverar na existência”, alimentar-se, proteger-se, reproduzir-se, preparar novas máquinas contratuais, contratualizar relações): deles decorrem tudo o mais, sejam como condições, sejam como conseqüências, sejam como camuflagens, sejam como excesso: todas as forças, ordens, programas, senhas, necessidades se encontram, antes, no entrenós da máquina tribal: cada “ponto” das máquinas contratuais fazem parte de “linhas de forças” imaginárias incrustadas em redes complexas e móveis no entrenós da máquina tribal: cada desejo, paixão, vontade, plano, sonho, potência, não encontra nas máquinas contratuais nem sua “razão”, nem sua “origem”, nem sua “função”: nas máquinas contratuais pode ser encontrado o “cumpra-se” camuflado por crenças, idéias, sentimentos, desejos: como é “normal” as máquinas contratuais terem a impressão q são

autoras dos seus desejos, vontades, necessidades, sentimentos, a consciência [dobradura perversa de forças ressentidas, reativas, imaginárias] gera impressões de "liberdade", "autonomia", "livre arbítrio", essas impressões livres são fundamentais pra máquina tribal no seu "momento" capitalista: ta na operacionalidade de cada máquina contratual o "espírito" da máquina tribal [as forças ritualizadas do entrenós] enquanto uma das suas forças principais: "Na alma não existe vontade absoluta ou livre; mas a alma é determinada a querer isto ou aquilo por uma causa que também é determinada por outra, e essa outra, por sua vez, por outra, e assim até o infinito. (...) A alma é um certo e determinado modo de pensar; por consequência, não pode ser uma causa livre das suas ações; (...) não pode ter uma faculdade absoluta de querer ou de não querer; mas deve ser determinado a querer isto ou aquilo por uma causa, a qual é também determinada por outra (...)." (Espinosa, Ética II, Prop. XLVIII, Demonstr.)

ii

" (...) livre-arbítrio: (...) o mais famigerado artifício de teólogos (...) com o objetivo de fazer a humanidade responsável no sentido deles, isto é, de *torná-la deles dependentes*. Onde quer que responsabilidades sejam buscadas, costuma ser o instinto de *querer julgar e punir* que aí busca. (...) a doutrina da vontade foi essencialmente inventada com o objetivo da punição, isto é, de *querer achar culpado*. (...) Os homens foram considerados 'livres' para poderem ser julgados, ser punidos."

Crepúsculo dos Ídolos (2006, 45/46)

Nietzsche

*. isso q se é (se diz-ser, se impõe ser, se apresenta e age) é a tortura do q se diz ser, do q se impõe ser por haver im-corporado as forças torturantes e afetivas das máquinas contratuais (isso q somos são essas forças q foram tornadas corpo: máquinas de forças, máquinas contratuais): só se é em apresentação, em dizer, em desdobrar, em ritual e jogo: forças em fluxos em rerepresentações (teatrais, institucionais, grupais, familiares, psicológicas, históricas, biológicas, corporais, sentimentais) q apontam pras forças doentes de poderes fundados em rituais (sem raízes a não ser a da representação), circularidade viciosa, poder esmagante, torcido, criando o fora e o dentro imaginários, impondo verdades, rituais, práticas, mitos, crenças, ciências, provas como fundamento pra esconder relações de poderes em fluxo, sem suporte, sem antes e sem depois, numa ação constante de im-posição (ação q é único existente no imediato), de devorar e vomitar e voltar a devorar e vomitar as forças múltiplas das máquinas contratuais, criando a si mesma e o próprio entrenós das máquinas contratuais q é a máquina tribal: o cerne é – o real é o real, o eu é o eu, a verdade é a verdade, o tempo é o tempo, a lei é a lei: a tautologia é a imagem, o conceito, a noção precisa do fundo sem fundo do

existente, vazando e nesse vazar o existente, boca mordendo cauda, cauda invadindo boca: sobre esse vazar, sobre essas redes rituais poderosas, q se esconde pro-fundamente, se edifica a máquina tribal aparecendo como cosmo, existente, vida, totalidade, tautologia: o teatro q é a máquina tribal não tem coxias, não tem espectadores, não tem cenário, ou melhor, tudo isso existe na dança inesgotável desse xiva maya enganado enganador: atores dançarinos incansáveis [nessa dança se vive, se sobrevive, se "persevera em seu ser": essa a operacionalidade da máquina tribal]: nesse teatro sem teatro o vórtice é torturante, mentiroso, imediato, iludido e ilusionista [daí o prazer, a segurança, a distração, o encanto, a graça, o gozo, a alegria, o júbilo: a dor, aflição, angústia, medo, o sofrimento, agonia, a solidão, a insegurança]: nesse ninho germina incessantemente a atmosfera de todos os discursos perversos (religiosos, científicos, filosóficos, políticos, pedagógicos, midiáticos, experienciais) ao mesmo tempo q é o próprio corpo (o existente, o tempo): isso q se é não pode deixar de ser um "quarto de despejo escondido", exposto, sádico e masoquista, niilista, metafísico, esquizóide: esse im-posto só se torna ex-posto em "momentos excepcionais", ou num pensamento corporal libertino: num ato hermenêutico kamikaze [toda hermenêutica q não assume esse ato deixa de ser hermenêutica pra se tornar mera enganação, discurso q não se enfrenta]: é assim – esse fundo niilista só é podre numa comparação desiludida de cristãos, metafísicos, ingênuos ou saudosistas q sofrem por representarem tautologicamente em rituais sem fundamento (impondo fundamentos imaginários como se não fossem), por apresentarem apenas feixes de forças momentâneos, mantidos apenas pelos imaginários dos laços q é o tempo, a memória, a linguagem, os próprios rituais [onde o comunicável, a comunicação, só pode acontecer por concordância entre poderes, forças, potências, interesses]: poderes digestivos: o real, o isso q sou: como esse "quarto de despejo escondido" [a interioridade enquanto imaginários invaginados, forças reativas torcidas sobre si mesmas, pecado e medo, ódio e inveja, im-potência] é móvel, é mutante, onipresente, onisciente, todo poderoso, é, compreensivelmente, invisível, latejante, intumescido, sexuado, corporal (deus, inconsciente, mito, eu): ele é o próprio isso q sou, o próprio real: não há o real e isso q sou e o "quarto de despejo escondido", mas uma só e mesma ordem esquizóide: apenas o "quarto de despejo escondido" legitima, funda, torna verdadeiro, real, valioso, todas as coisas, mas apenas quando e porq é esquecido, não é visto (se encontra sempre num "ponto cego" das perspectivas): esquecido, vigoram, podem vigorar o real, o verdadeiro, as idéias, todos os fundamentos, origens, razões, finalidades, sentidos, más-fés: o "quarto de despejo escondido" torna tudo ritual, liturgia, encenação, crença, magia entendida como legítima e real por ser feita em-nome das crenças do próprio círculo vicioso imaginário: o real: o círculo vicioso é a cola imaginária q exercita as máquinas contratuais em sua monstruosa forma de existência: fantasias desejanter q geram suas próprias forças, energias, poderes, crenças, formas, atividades espaciais, temporais, corporais, sociais, pessoais, seus contratos essenciais: é o círculo vicioso q, escondendo o "quarto de despejo escondido", cria a existência como temporal, natural, social, significativa, metafísica, científica, valorativa, finalística (e vice-versa): o "quarto de despejo escondido" é o "ponto cego", latejante dos devires do imediato q, ao ser compreendido como participando de toda a existência, torna o real real, deus deus, mais-valia mais-valia, trabalho trabalho, corpo corpo – nódulo imaginário extenso de poderes e forças invisíveis da "nossa" perspectiva e inexistente do seu lócus: onde a máquina tribal (deus) não vê a si mesmo nem o si mesmo consegue ver-se ou ver deus (a máquina tribal): ao não existir fundamentos toda tentativa, estranhamente [porq não há metafísica sem fundamento], desliza pra metafísicas (tautologias) q se tornam físicas, morais,

naturais, sociais, históricas, corporais: as redes de devires imaginárias não são provadas, degustadas, percebidas, pensadas no seu jorro de criações e destruições, sem antes, sem depois, mas apenas enquanto existente, sociedade, homem: deslizamentos do "olhar" possibilitam "viver humanamente", isto é, permite o viver da máquina tribal: os deslizamentos mostram q a existência não consegue ver-se como devires imaginários, isto é, como inexistentes inclusive enquanto devires imaginários: q sua existência é um fazer q se desfaz no ato mesmo de fazer, q todas as suas verdades não passam de justificativas vazias escondendo os jogos, as estratégias de "fora" e poder.

iii

*. o corpo "operante e atual" é uma máquina contratual: entre esse corpo e o mundo (máquina tribal) não há diferença uma diferença sujeito/objeto: o corpo não faz parte, ele é a máquina tribal: produzido por ela é nele onde operam os programas gerais e específicos das produções: se me movo, se existo, se ajo no mundo, se me separo nesse instante, é porq essa separação é operatória, é preciso ser assim pra mim, pro entrenós, pras produções: a individualização é a forma como a máquina tribal encaminha as produções: a máquina tribal são todas as cartografias do "corpo": a "consciência de si" faz parte do q é necessário a essas produções (ela é produzida como um operacional essencial), sem com isso advir ou se dirigir pra algo transcendente (ilusão da própria consciência enquanto consciência), maior, melhor, mas apenas operatório: o "eu e as coisas" estabelece uma metafísica operatória, uma fissura necessária na dimensão das produções, por isso aparecendo ao corpo: a máquina tribal produz os corpos e eles são elas: somos o entrenós: não ta incrustada nele, mas é ele todo e pleno em funcionamentos (cada máquina contratual é o entrenós): o corpo é a expressão da máquina tribal: nele vemos ela (imagem, semelhança, função, ilusão, operatividade): o q marca, trabalha, talha, inscreve, desdobra, dobra, ritualiza, ordena o caos (aquilo q jorra dos corpos enquanto filhotes) são máquinas contratuais q fazem parte constitutivas, parte e todo, da máquina tribal: comovemos o caos tornando ele corpo: somos por sermos forças afetáveis, afetadas: afetamos porq fomos afetados: afetamos e somos afetados: cada sentido se faz sendo feito numa miríade complexa e simples de múltiplas forças, de movimentos, de ações, de estímulos, de afetos todos ritualizados enquanto máquina tribal: a máquina tribal é exterioridade q advém da interioridade e a interioridade é a máquina tribal em ação (entes de razão, imaginação, metafísica, como todas as idéias): duas dimensões (imaginação), um mesmo pulsar produtivo sendo produzido e produzindo as produções: toda forma é forma do corpo, todo movimento, toda técnica, todo sentido é sentido do corpo, todo mundo é extensão do corpo: só há espelho porq antes me fazem saber de mim, porq esse eu passa a rolar, a se desenrolar, a funcionar, a se desarvorar, criando e mantendo a si mesmo e o mundo q é a máquina tribal: o corpo é espelho do corpo e nele se multiplica, se diferencia, se abre pro não outro ele mesmo: as máquinas contratuais e seu mundo, a máquina tribal, é q criam os sentidos, o q incide no caos (forças gestadas pelos corpos q se replicam) e cria corpo, sentidos, interioridade, imaginários, programas em funcionamento,

produzindo no imediato a efetividade: não há luz, objetos, movimentos, formas, escuridão, matérias – puras, cruas, fora da máquina tribal chegando ao caos: o q comanda os sentidos são as produções das máquinas contratuais.

*. o q cria o corpo é a “freqüentação dos outros”: o q cerca e extravasa (metafísicas: o corpo e o mundo) agora é a máquina tribal enquanto totalidade interior exterior: as sensações, sentidos, necessidades, pensamentos, gestos, movimentos são agora, atuação simples da máquina tribal: “fora” e “dentro” em consonância esquizóide: não há “o corpo”, ou o “espaço”: separados nada disso “existe” ou “funciona” [somos não apenas cercados de entes de razão, mas eles somos nós pra existir: o entrenós, o corpo, são entes de razão ritualizados em desdobramentos incessantes]: as coisas são operacionalizáveis, tudo é técnica precisamente porq “o existente é integralmente” a máquina tribal onde quando tudo se junta, tudo parte, tudo se articula, tudo se move, tudo faz parte, faz sentido, tudo vive, vibra, se abre: o “coração das coisas”, o “coração das trevas”, a “pele do mundo”, a ossatura perversa do viver, seus músculos, visões, delírios, trabalhos sem fim, necessidades insanáveis, é a máquina tribal existencializadora.

*. o q chamamos mundo e a extensão corporal do corpo de cada um, o corpo extenso, o grande corpo, o entrenós do corpo, mas, antes de tudo, do monstruoso e estranho corpo da máquina tribal (ubiqüidade, onipresença do entrenós da máquina tribal, o corpo sem corpo, a máquina sem máquina), esse corpo q transborda todo pensar, todo corpo, toda tecnologia, todas as mortes e vidas, se apresentando como deus, natureza, cosmo, sociedade, casta, família, indivíduo, real: o mundo q cria será, sempre, o “único mundo”: qualquer exterioridade dependerá sempre (tudo da máquina tribal é eterno, universal, natural) dos seus trabalhos, das presenças vivas no imediato das atividades: uma exterioridade autônoma faz parte das metafísicas filosóficas, científicas, midiáticas, do senso comum, dos saberes dispersos – com suas crenças necessárias e determinadas: máquina tribal: tudo o q foi, borbulha no imediato, - nele se realiza, se esgota, se projeta gerando novas e outras e as mesmas forças do sempre mesmo outro imediato: pra cada máquina contratual o existente [em toda sua luz, dimensão, sentidos, sofrimentos e prazeres, sons e tactibilidades, cheiros e desejos, movimentos e formas] deve se revelar como autônomo, livre, equivalente a cada um, pura exterioridade: cada máquina contratual vive e encontra as outras, a si mesma, ao mundo como entidades objetivas: segundo minha perspectiva o mundo deve ser, é, independente de mim, nele sou uma coisa, alguém, mais um, ser natural, social, humano, animal: esse programa fundamental q se desenrola enquanto imediato é o real mesmo da máquina tribal: por isso vivo, faço viver, trabalho, produzo as produções, me reproduzo: todo mistério, todo estofo, todo invisível, todo inapreensível do mundo são os resto do entrenós da máquina tribal (entrenós q é a máquina tribal) e ela mesma.

iv

*. no teatro perverso da memória eu-mesmo se duplica, multiplica o eu-mesmo em formas doutros eus-q-não-ele, cria cenários, narra a peça, move espectadores, cria lugares e o q vai sentir, o q deve sentir, o q não pode deixar de sentir: o q eu-deseja sentir se torna memória, sempre ali e agora, prum ali e prum agora, como

se fosse prum antes, fosse um antes, fosse esperança dum depois: há um recordar q é viver, é a própria condição de ta vivo, jogos do imediato q repetem as regras, os rituais, os programas vitais, o corpo: e a outra, vingativa, negativa, reativa, escrava, trabalhadora, cristã, criando palco de dor, lugar de punição, purgatório travestido de inferno, onde se encenam sentimentos cristãos, burgueses, midiáticos, produtivos e reprodutivos, e assim o eu-mesmo mantém a manada nele, ele enquanto manada, eu-manada e o calor da manada em desejos, sentimentos, paixões, esperas, anseios, ódios, medos: onde se encenam "as relações do senhor e do escravo", "a paixão de cristo", "a santa ceia", "a santa missa", "o amor de dante por beatriz", "o amor de julieta e romeu", "a morte do rei", "o drama familiar burguês", "a liberdade livre", "a fome", "o desejo", "a vida", "os amigos", "a revolta", "o consumo", "a felicidade", "os sentimentos", "a paz", "a família": a memória é operação teatral masoquista da consciência [forças reativas voltadas contra o corpo, gestando o corpo cristão, o corpo burguês, o corpo do capital, corpo consumo, corpo dinheiro: a interioridade enquanto imaginário comumente adoecido, empanzinado, adoecedor: o "quarto de despejo escondido"]: não há nada a ser recordado, não há nada antes, nenhum arquivo a ser "exposto", "aberto", "rememorado": a grande funcionalidade da memória reside na punição, no ordenamento, na manutenção da ordem interna/externa como reforço do já sabido, do já vivido, do já dito: o teatro da memória é construído, habitado, reapresentado, fundado, constituído pelos fantasmas de forças masoquistas da máquina tribal: fazem parte das potências de formatação e formação: quanto mais transparente a máquina tribal, mais opaco, distante, angustiado, desesperado, sufocado, louco, sozinho, individualizado, singularizado, teatralizada a torção teatro q é a interioridade, a cena esquizóide do eu-mesmo, as dores produzidas pelas peças inscritas e representadas pelos fantasmas.

*. o eu-mesmo vive entre fantasmas, tanto entre as infinitas forças q fizeram ele e formataram, quanto entre as afecções q passaram por seu corpo e q ele inda considera presentes ou "significativas", mesmo já não existindo: esses fantasmas de forças, essas afecções fantasmas, não são aleatórias, neutras, involuntárias, mas fazem parte das redes da ordem, dos rituais de manutenção, dos programas da manada como reforços do mesmo, da mesma: enquanto a formatação incorpora (torna corpo os rituais q são a máquina tribal) aquilo q faz o corpo funcionar, se tornar, se tornar "tribal", comunitário, sociável, individual, interativo, autônomo: a "consciência" em grande parte são essas afecções fantasmas seja enquanto reforços da formatação, seja enquanto "formação", seja enquanto prosseguimento da "formação", do manadismo, dos sentimentos, desejos, pensamentos, apetites: o eu-mesmo vive a cada instante em muitos espaços, com muitos corpos do eu-mesmo e muitos outros corpos, muitos sentimentos, desejos, sensações, sentimentos díspares ao mesmo tempo: sem as metafísicas do corpo, metafísicas do eu-mesmo, sem as dimensões esquizos do corpo não haveria a máquina contratual da máquina tribal: máquina tribal esquizo [constituída por teias, redes, tecidos, atmosferas, forças esquizóides], corpos esquizos: fantasmas de todos os tipos, fraturas, separações, divisões, replicações: dessa metafísica corporal advém os "frutos do espírito", as capacidades e diferenças produzidas pras múltiplas funções, o corpo reprodutivo, o corpo reprodutor, o corpo trabalhador, corpo funcionário, corpo consumista, corpos dóceis, corpos contratuais: as afecções fantasmas são forças de enquadramento, de desvio dos desvios [quando os desvios não são necessários], são forças q atingem o eu-mesmo em suas múltiplas dimensões, q curam, adoecem, prendem, libertam, fazem sonhar, desejar, recordar, matar, se matar, viver em manada, compartilhar, se desgarrar: se houvesse "liberdade", "livre-arbítrio", "autonomia" como forças sem causa poderia o eu-mesmo

desfazer esses nódulos de força, esses fantasmas de forças, sempre forças, mas não há essa liberdade livre em nenhuma instância do eu-mesmo: só outras forças, outros corpos, espaços, tempos, absorvem os fantasmas de forças: pro eu-mesmo não há nem pode haver uma estética da existência: isso se desvia inteiramente do seu corpo olhar: seu olhar está inteiramente entregue, inteiramente absorvido na manada, ele é a manada.

v

*. os sentimentos fazem parte das "forças gregárias" q inventam, instituem, criam, reproduzem, copiam, protegem, abrigam, conservam e mantêm o "corpo social", a manada, a família, as classes, os grupos, os indivíduos, as singularidades.

*. sentimentos são forças de congregação, de conciliação, de aparelhamento, de composição, de arranjo, de contextura, de instauração, de agenciamento, de aliança, de coligação, de consórcio, de pacto, de organização, de contrato das forças, mesmo quando se apresentam como o contrário, aliás, a "gramática dos sentimentos" só funciona enquanto teatro de sombras, se expondo inversamente.

*. o contrato q são os sentimentos inverte e expõe o contrário da sua operacionalidade, da sua razão de existir: a máquina contratual "procura sempre com o maior ardor o que lhe é útil a si mesmo, que as leis que julga mais justas são as que crê necessárias à conservação e aumento dos seus bens e que defende a causa de outrem, na medida em que pensa, através disso, tornar firme a sua própria situação" (espinosa, 1983: 330): mas isso não aparece, ou surge apenas em situações limite como caso ou momento especial não expondo o conjunto: os contratos são acobertados sempre pelos sentimentos, emoções, sensações, razões, virtudes, paixões ou qualquer palavra q se possa imaginar: o essencial é q só apareçam sentimentos, relações puras, q tanto a máquina contratual, suas operações e a máquina tribal, sumam.

*. essas alianças visam sempre a preservação, o cuidado, o aumento, o acréscimo, a expansão, a manutenção, a expressão das forças, da potência de existir, de persistir, de se expandir [dinheiro, casamento, engravidamento, emprego, relações de amizade, bens mercantis diretos e bens imaginários, famílias: capitais de todos os tipos].

*. quanto maior a necessidade da aliança, da expansão, da consolidação, da manutenção vital, maiores os sentimentos, maiores os desejos envolvidos, os apetites em ação, maiores os afetos, as violências, as punições, os prazeres e as dores: a questão não é "sentimental", mas envolve a vida e suas forças: o corpo e seus territórios.

*. é triste e alienado o sentimento (a consciência, o sujeito, o ente) q se funda em si mesmo, isto é, aquele q aceita o "amo porq amo", o "odeio porq odeio", o "sou amigo e isso basta", o "tou parindo porq sou feliz".

*. somos máquinas contratuais: os sentimentos são expressões das forças dum contrato, todas as relações, produções, reproduções são contratuais: quanto mais forte o contrato, no q nele é envolvido, no q nele se territorializa, no q nele se dispõe, se abre e se fecha, quanto é o mais acertado, posto e disposto, mais fortes os sentimentos: quanto mais fortes os rompimentos do contrato mais forte os sentimentos contrários.

*. o desejo (força), na perspectiva dos sentimentos, é acionado pelo q está em jogo, pelo q se põe em jogo, pelo q se pode jogar: é a força pras estratégias: é o q move pra manter ou mudar a posição nos jogos de forças, nos jogos vitais: a posição entre os jogadores, suas alianças, seus contratos, seus pactos: quem entra, quem sai, quem fica, quem é expulso, quem não entra: regras do jogo, rituais das forças, dos poderes.

*. as "emoções", as "emoções básicas", as "sensações corporais" q se "sente" por alguém, as "linguagens corporais", as "regras do coração", os "mistérios sentimentais", os "poderosos instintos": todas as imensas listas de "emoções, sentimentos, estados" q marcam as discussões sobre o assunto, não passam de variações de contratos em seus múltiplos momentos e combinações.

*. essas forças fazem parte daquelas forças q formatam o corpo enquanto unidade esquizo entre o "dentro" e o "fora", entre a "consciência" e o "corpo", entre a "extensão" e o "pensamento", entre as produções, os consumos e tudo novamente: tão também envolvidas em todas as ações da vida: fazem parte dos programas ativos da máquina contratual: faz todas as formas do amor e do amar, do odiar, do repudiar, do se enojar, do produzir e do se reproduzir, do consumir, do gostar, das amizades e inimizades, do ficar ou não ficar, dos querer e dos não querer.

*. a máquina tribal "administra" através de suas máquinas contratuais as intensidades, as forças, as estratégias de forças, de sentimentos, alterando o sentido, a direção, o estado, as histórias, os valores: transforma energias em formas, em específicos contratos q definem cada um em relação aos outros e seus lugares: os contratos não são gratuitos nem escolhidos, como não são livres as regras dos contratos e as forças dis-postas: busca-se o aumento das forças, o melhor contrato possível, a melhor posição, a mais cabível disposição, a melhor posição entre as potências: mas não é fácil, não é livre nem se é livre pra tanto, mas determinado e condicionado tanto pela máquina tribal em nós quanto por nós mesmos enquanto forças articuladas pra se expandir, pra replicar a própria máquina tribal e suas relações: daí a sensação de joguete do destino, dos desejos, dos sentimentos, das relações, das emoções, do caráter, joguete das horas e das paixões.

*. os mais díspares contratos podem se estabelecer, mas seu número é reduzido, aberto pelas necessidades da máquina tribal.

*. quanto mais ásperos os momentos da máquina tribal, mais fortes se tornam os sentimentos: quanto mais desprotegidos, mais e melhores contratos são necessários: quanto mais servis as relações gerais, mais os contratos se tornam mentirosamente sentimentais: quanto mais é preciso produzir, reproduzir, consumir, mais os sentimentos se tornam verdadeiros, reais, fortes, "enraizados na própria vida": sem esse verismo sentimental, a máquina tribal iria ficando cada vez mais nua, mais crua, mais selvagem, mais fascista.

*. contratos de "agregados", de funcionários públicos, de gerentes, de engenheiros, administradores, de professores, de supervisores, médicos, advogados, jornalistas, juizes, pequenos e médios empresários, profissionais liberais servidores de todos os matizes, são contratos de segurança, de tentativas de

reposicionamento na máquina tribal, de confirmação da própria máquina: são sentimentos q confirmam o lugar, as funções, os temores, a insegurança: são sentimentos "arraigados e violentos". como os servidores (classe média) são os produtores de modelos, de idéias, ideologias, são praticamente seguidos pelas outras redes vivenciais da máquina tribal: caricaturas de caricaturas, sombra entre sombras: mas nada é mais verdadeiro q seus contratos sentimentais, até q outro lugar, outro contrato mais sentimental, atraia com mais poder, mais potência, expansão de forças, mais sobrevivência, ou a sensação de segurança q todo servidor precisa como componente imaginário a reprodução da força de trabalho.

*. o q faz surgir os "grandes sentimentos" separados e individualizados [mercadorias dinheiro], prontos dentro dos indivíduos, arsenal de emoções, de forças, é a máquina tribal no seu horizonte capitalista: fora desse campo os sentimentos ficam fora do lugar, sem funcionalidade.

*. os sentimentos, pra se manterem sentimentos na e pra máquina contratual, precisam ser cobertos de ilusão, de fantasia, de desvios "sentimentais", "religiosos", "afetivos", "tradicionais": sentimentos crus enquanto forças contratuais, forças em alianças, forças pactuando novas e maiores potências [pras reproduções das produções], perdem a força, perdem a "aura", perdem o sentido e a razão: "animaliza o ser humano".

*. forças alegres, forças tristes, forças programas, forças fortes e fracas, forças: o corpo tornou-se corpo sendo formatado por essas forças e se mantém corpo expondo e ex-pondo-se essas forças: sua ex-pressão, suas relações, seus contrapontos, seus contratos são exercícios dessas forças [foram os jogos dos contratos q criaram o horizonte capitalista da máquina tribal e não o contrário]: alegres ou tristes aumentam, visam aumentar a potência, lutam pelas alianças, por melhores contratos, lugares, relações: em conjunto com as forças programas são o corpo.

*. a compreensão dos sentimentos advém da análise, interpretação e reflexão dos jogos, das lutas pelas posições, pelas relações, pela violência dos entrechoques entre máquinas contratuais q garantem, dispõem, produzem, mais e melhores forças: mas isso não resolve nada, apenas põe uma fatia das forças nos mecanismos próprios tanto na máquina tribal quanto nas máquinas contratuais, q são, antes de tudo, máquinas esquizóides, máquinas formatadas por forças contratuais e se expressando por forças contratuais: os sentimentos são imaginações fundamentais numa máquina tribal no seu momento burguês, capitalista, industrial, consumista, midiático.

*. as forças re-cobertas por idéias, por desejos, por sentimentos: as forças cruas da máquina tribal, as forças cruas das máquinas contratuais, não se expõem, não se impõem, não transpõem sem mediações imaginárias, sem formas, sem rituais, sem regras, sem precisas justificativas: os corpos não são gestados, não se põem na existência geométrica da máquina tribal, não trabalham, não se reproduzem, não funcionam ("cruamente", "selvagemente", "naturalmente") sem as justificativas dos sentimentos: tanto a máquina tribal quanto suas minúsculas e prescindíveis máquinas contratuais são máquinas sentimentais.

*. a máquina tribal parece organizar os indivíduos pelos sentimentos, pelo amor, pela amizade, pela fraternidade [a própria máquina tribal parece ser criada pelos indivíduos, assim como se cria um objeto, um lugar, um corpo]: os antigos e imaginários "laços de família", q pareciam "juntar os indivíduos", se dissolveu no seu delírio, restando à manada, como imaginário, se "unir por sentimentos", o q parece advir do próprio indivíduo por "autonomia", por "liberdade", por "sentimentos": pra eles parece q eles mesmos criaram suas "alianças", seus "círculos", suas "relações": são indivíduos movidos por coisas: sem mercadorias não saem do lugar: "seres de paixão", só a paixão move: seja outro indivíduo, sejam roupas, comidas, carros, casas, empregos, bebidas, drogas, viagens, paixões: e desejam apaixonadamente q essas coisas sejam imensas mamadeiras, imensos peitos jorrando leite quente a vida inteira: tetas de mamãe: e tudo isso, faltando, aniquila eles à maneira das doenças graves, perturbadoras: são siderados, destroçados, desmontados, desmamados: queimam nas loucuras das paixões: se o mundo não coloca eles no colo cantando uma musiqueta suave, é o horror: esse, pelo menos, é um sonho muito acalentado.

*. se esse mundo de peito de mamãe não deixa feliz, contente, esfuziante, lindo, leve e solto, algo deve ta errado: com a máquina contratual, com o mundo, com a vida, com a "psiquê": felicidade é ter todos esses objetos, todas essas relações, todas essas pessoas q fazem as vezes de mamãe, as vezes do imenso peito de mamãe: porisso o "eu te amo", "eu te adoro", "eu te odeio", "a vida não tem mais graça", "vivo angustiado": e os laços se fazem por essas forças do peito de mamãe: sem essas forças não conseguem mais andar, se relacionar, viver.

*. as forças dos sentimentos casam, separam, aproximam, reorganizam, fazem felizes, tristes, cansados, satisfeitos, plenos: sem as paixões das coisas, os peitos de mamãe, não conseguem viver, ou viver felizes: e essa patetice essencial das relações das máquinas contratuais de "classe média" tornou-se a própria loucura do "mundo" [não é à toa, não é gratuito, não é decadência, mas determinação, operações, específicas forças contratuais, necessidade da máquina tribal, íntimas necessidades das máquinas contratuais]: se as coisas, agora encarnadas em pessoas, em sujeitos, em eus, não mover, não apaixonar, não fazer viver eles mesmos com sentimentos, podem fazer com eles o q fazem com os objetos: jogar fora: não são mais úteis: agora buscam, e tão sempre buscando, novos peitos de mamãe: a cada novo peito é, ta, tará "pra sempre feliz": e se ta feliz é porq a novela acabou [as novelas são feitas pra acabar]: deve buscar outra novela [as novelas são feitas pra recomeçarem], ou melhor, ela vem até ele: o peito de mamãe não falta, e quando falta busca outro peito: tudo é peito de mamãe: a máquina tribal é a "grande porca" e seus infinitos peitos, principalmente "pra quem pode", porq os "q não podem" batalham desesperadamente pra poder e imitam profundamente todo o ridículo círculo minuciosamente.

*. a máquina contratual não sabe encontrar outro referencial q o sentimento, aqui tomado em seu sentido de paixões, de pathos: a máquina contratual é patológica, esquizóide: verdade e realidade, moral e ética, ação e inação, tempo e espaço, experiência e formação, tudo tem q ser patológico pra mover a máquina contratual: sem os sentimentos não se deseja nada: nem vício, nem virtude: ela é "sentimento puro", é paixão, é aventura: é aquelas mercadorias q representam isso: as antigas formas como religião, filosofia, política, ciência, tornaram-se apenas "coisa de intelectual": o q move, o q aguça, o q faz desejar, o q faz não querer, o q faz querer mais, é o peito da grande porca, peito de mamãe: se se sentem bem, em bem estar, em estar bem, quentinhos junto ao grande peito de mamãe (a

“grande porca”), e se puderem arrebanhar alguns peitos a mais dos infinitos peitos da grande porca, tarão supremamente bem [“!me dei bem”: “!viva o conforto”: “!tou seguro”]: só fazem o q “faz bem”, só carregam o q é deles e dos q ajudam eles a mamar mais e melhor, o peitinho querido, sem o peitinho não-sou: “ser feliz” é ta agarrado com unhas e dentes aos peitinhos da grande porca: dentro do calor da manada, dos super mercados, mimados, gordos, risonhos, cheirosos, bem lavados: satisfeitos: nada de desconforto, de sujeira, de peso: comer, viver, gozar até se empanturrar, mas sem engordar, sem se deformar, sem adoecer: isso dá prejuízo e a grande fábrica não gosta: peitinho de mamãe se ressentido: o sonho é um peitinho e, se possível, infinitos peitinhos, q podemos chamar dinheiro, mercado, emprego, casamento, amizades, mercadorias: usarmos conforme a necessidade, pois esse é um conceito “peitinho de mamãe”, como a idéia de “máquina tribal”.

*. evitar toda fricção prejudicial à máquina contratual: não ferir sentimentos: jogar fora, sem ferir: jogar fora e tudo bem: “a fila anda”: novos peitinhos de mamãe: a máquina tribal é infinita, com infinitos atributos, infinitos modos, infinitos peitinhos: e se somos alimentados por outras máquinas contratuais também nos é exigido q alimentemos: as máquinas contratuais, enquanto máquinas friccionais (geradoras de energias, de forças, de potências, de mais fricções, de mais gozo: exigem repetição: e de repetição em repetição eis o real, eis o corpo), exigem alimento e dão alimentos, dão fricções e ficções e exigem ficções e fricções: exigem sentimentos, paixões, prazeres, delírios e devem por sua vez darem delírios, prazeres, paixões, sentimentos: e tudo num círculo dentro da máquina tribal: tudo muito duvidoso, ariscado, delicado, mas assim são os peitos de mamãe, os peitinhos infinitos da grande porca.

*. perder os peitinhos da grande porca da máquina tribal ou perder os peitos de mamãe das mercadorias, dos sujeitos, dos eus enredados numa rede brutal, perversa de sentimentos, “perder sua paixão”, é um desastre: fica sem as forças q lhe davam o “sentido da vida”: “perder o amor” é ficar desorientado: perder os amigos é se afastar do “capital social”: a máquina contratual só é feliz com seus peitinhos: sem isso angústia, solidão, desespero: o “sentido da ação” se perde e o “que fazer” se desvanece na escuridão onde não sabem voltar nem aos peitinhos da grande porca nem ao peito de mamãe: a linguagem sobre nós, sobre o mundo é a linguagem da grande porca, linguagem do dinheiro, das mercadorias, a língua dos peitos da grande porca: a máquina tribal somos nós numa maneira brutal e seca: mas esse “mundo moderno”, “mundo pós-moderno” ou “mundo pós-neo-nada” [mundo vítreo e gasoso, carregando tanto as solidezs tradicionais do “mundo sólido” (ficção gratificante dum eterno peito numa eterna mamãe) quanto os líquidos da modernidade, o leite inesgotável da máquina infinita] não é inferno em comparação a um outro, mais antigo, melhor: esse jogo faz parte dos labirintos da máquina tribal: não há paraíso antes, nem agora e muito menos depois: !essa é a vida.

*. grande parte dos críticos da "pós-modernidade" gastam sua retórica em camuflar seja um "saudosismo", um "espanto-horror", uma "descrição" da "vida pós-moderna", assim como desfiar conceitos após conceitos q, no conjunto, parecem abrir a compreensão quando somente demonstram o apavoramento dos seus autores, como se por trás do "agora", num antes ou num depois, houvesse um "mundo melhor", modelo e olho divino. quem sabe eles não tão "esquecidos" da dimensão irreversível, pro bem e/ou pro mal, pro neutro e/ou pro nada do "real". continuam a argumentar "como se" a "modernidade líquida" fosse deformação de algo anterior mais perfeito, como se fosse "onda passageira", mas onda q reformatou e reformata intensa e profundamente em direção a outras formas de existência social, íntima e interpessoal. não é algo ligado somente ao "consumismo", mas q atinge e vem do trançado inteiro das redes virtuais da máquina tribal. não diz mais respeito ao q, ao como, com q freqüência se descarta ou se produz as coisas, mas ao "cardume" como um todo, carne-alma, passado-presente, fluxos-refluxos-influxos do viver: o prenúncio do "horror universal": a possibilidade da hegemonia apagar as diferenças, o domínio absoluto da máquina tribal.

*. nada jamais foi inteiro, intacto, puro, intocado: a formatação reformatação é fluxo contínuo: as "estabilizações" são manutenções, impressões, atuações permanentes pra se viver nos devires da própria máquina tribal [devires "fora" é esquecimento epistemológico]: criar o ser faz parte das estratégias vitais e crer nele, e tudo torcer em sua perspectiva, faz parte das forças preservativas.

*. não só tudo se desmanchou no ar como aquilo q se desmanchou, derreteu, desconjuntou, se liquefez e evolou foram os "fundamentos tradicionais mais sólidos", mais "seguros", q, sem a "nossa" presença, "voltam" ao caos (na verdade vão pros lixões de todos os tipos). natureza, corpo, sexo, sociedade, humanidade, realidade, língua, pátria, identidade, vínculos, poderes, verdades, mentiras, se reprogramam, se redesefazem, se desfazem, se desdizem, se negam, se misturam, se vendem, se escravizam, se dão em inesperadas transversais mutantes e instáveis, q não são somente "suportes" do "universo do consumo", mas q atravessa ele, sendo o "produtivismo" ou o "consumismo" apenas momentos do seu distender e não o contrário.

*. uma crítica, uma descrição da "pós-modernidade", não enfrenta seu aspecto mais radical: a dissolução definitiva de "materialidades", "valores", "relações", "posições", "sentimentos", "razões", "políticas", "corpos" q por momentos se cristalizam em conjuntos relativamente estáveis, atingindo diretamente o "tempo", se tornando conhecimento (q sempre se quer eterno, verdadeiro, legítimo). a reflexão ["genealógica" ou "arqueológica"] não pode mais ser feita numa imaginária espessura temporal (o engodo da História), mas na compressão virtual enquanto imediato do presente [a espessura do tempo enfrentada enquanto imediato refaz enfrentamentos sem perder os passados como compreensão viva do agora: sem a História, mas com historicidades instáveis, teóricas, devindo em suas contradições, dualidades, insolubilidades]. nessa compressão, "mercado" e "consumismo" perdem a força de comando, de foco diluidor pra se tornarem elementos dos fluxos. no compacto imediato, o fugaz, o passageiro só se sustentam enquanto "comparação" e "saudosismo".

*. a "modernidade líquida", nessa perspectiva, deve ser enfrentada em sua dimensão de imediato [o devir q imobilizamos, cristalizamos pra atuar, jamais o "ser", da mesma maneira q o caos não é nem poderia ser o em-si: sempre enfrentado no imediato em seus fluxos], onde o "gênero" enquanto "realidade" e conceito se liga a instâncias dissolvidas ou em franca dissolução de "outro tempo", o q não exclui as contradições, mas exige outra perspectiva de enfrentamento. os amores,

os gêneros, as identidades, os corpos, as realidades magmáticas, líquidas [gasosas, isso sim!: e "sempre" foram gasosas, mas com tempos gasosos diferenciais, de "percepções" demoradas: eram gases mais pesados, ou se enfrentavam teoricamente esses gases com a má-vontade, a má-consciência, a má-fé do "ser"] não voltarão jamais a ser cristalizadas [ao seu momento de cristalização: era, como tudo, somente momento: todas as cristalizações são apenas momentos dos devires: q não são idéias, mas os fluxos dos viveres imediatos da máquina tribal], sólidas, estáveis, se é q alguma vez foram assim em suas formas de ta, de viver, de conviver, de reproduzir as produções.

*. pra continuarmos falando com propriedade em "macho" e "fêmea", "homem" e "mulher" seria necessário q inda aceitássemos e vivêssemos num universo social pretensamente "sólido", numa sociedade q pra seus "teóricos" e "literatos" (a "solidez" advém do lócus dos "teóricos" e dos "literatos") seja estável, numa natureza fundamento, funções e papéis tradicionais em seu exercício de representação fundada em comportamentos, lógicas e saberes de conhecimento comum e aceito.

*. a "questão de gênero" só se poria, só se põe, como problema filosófico, político, policial, biológico, social, histórico, num determinado ambiente, num quadro onde é possível detectar, cristalizadas em comportamento, corpo e desejo, formas pretensamente estabilizadas de viver ou formas híbridas tanto "fora" quanto "dentro" dos lócus de dispersão de consumismo.

*. fora desse quadro, num "ambiente pós-moderno", os elementos se desmancham, se misturam, se multiplicam transversalizados, invertidos e instáveis: cada corpo agora é "tudo" [assume o q sempre foi, o q sempre exerceu, escondido principalmente], cristaliza os desejos mais díspares em corpos q se refazem conforme essas cristalizações.

*. "homem" e "mulher" existiam em "sociedades tradicionais" da máquina tribal, ou inda existem como fósseis e resistências nas desmesuradas sopas de todos as máquinas contratuais nas cosmópoles e metrópoles, sem contar com "comunidades periféricas" q, por inda não compartilharem a dissolução de todos os limites exigidos pelo momento tribal, vão aos poucos, principalmente via "mídia" (correntes de saberes, informações, modas, estilos, resignificações), apresentando fios, fiapos, traços, comportamentos, quase redes em suas vidas-corpos q vão se tornando híbridos.

*. o teatro onde esses "papéis" [q eram divinos e terminaram "biológicos" e "sociais", eram "sagrados" e terminaram "profanos" e reprodutivos, eram "familiares" e terminaram "massa"] eram representados desapareceu completamente de "lugares de difusão" da máquina tribal [as antigas "metrópoles" da historiografia colonial: "centro" e "periferia" enquanto mídia e mercado, difusão e consumo]. não somente os corpos se multiplicaram, não coincidindo mais com o "anatômico" (q se tornou apenas um artefato a mais a ser consumido em todos as suas possibilidades performativas), mas os desejos deixaram de se cristalizar em papéis tradicionais, assim como em corpos tradicionais.

*. somente enquanto fetiche um "antigo" corpo de "mulher" age e sente "femininamente" [desejo dirigido pra ser "feminino" por exigência da configuração exigida no momento, podendo em seguida se desfazer]: somente existe a "masculinidade" num corpo de "homem", excluindo um papel antigo (ser marido, ter um lar, ser pai, provedor), na dormência da reprodução ou na perversão: sem serem "desvios" ou "reenvios" os velhos papéis não encontram mais os velhos corpos e seus

costumeiros desejos, artes, artifícios, gestos, desempenhos, expectativas e funções: a antiga imagem ou desculpa de “uma mulher num corpo de homem” ou “um homem num corpo de mulher” se tornou inaplicável onde cada corpo é ao mesmo tempo intercessão e intersecção flexível e polidimensional de múltiplos corpos [é impossível tanto o “amor entre os diferentes” quanto o “amor entre iguais” porq todos são diferentes e iguais ao mesmo tempo: sem gênero, sem as grades, sem a definição ontológica, natural, o desejo, o corpo, se configuram conforme o parceiro, conforme a mercadoria, conforme o momento, conforme a tecnologia, conforme a moda: as máquinas contratuais tão aptas ao “novo mundo novo”], desejos, gozos, anseios, sonhos, interpenetrações dialéticas atravessadas por todos os tipos provisórios de mediações ansiosas.

*. os “antigos” corpos se tornaram apenas mais um dos “instrumentos e apetrechos sexuais” [inclusive suas “maneiras de ser” podem entrar como um dos acessórios de estímulo e redefinição: o corpo (“dentro”, “fora”, “eu”, “nós”) se tornou um “sex shopping” com fusão de academia de musculação, parque de diversão, shoppingcenter, maternidade, prisão, lugar de trabalho, escola: a máquina contratual reproduz seus lugares de produção, ela é os lugares das produções], uma das possibilidades de uso, de excitação, de gozo, um dos artifícios múltiplos do produto, forma q precisa se complementar com outros produtos pra funcionar plenamente: apenas ao se pôr em fluxo, em indeterminação, em complementaridade e polidisposição pode o corpo existir nesse ambiente de cosmópole, difusor não mais apenas de modas, mas de modos de existência.

*. esse “corpo cosmopolita” inda não é hegemônico [sonho de todos os matizes de fascismo e mercado: força essencial da própria máquina tribal], no entanto inicia nos “centros difusores” (moda-mídia), nos eixos de produção de consumismo enquanto prática e exercício de ser [os servos adoram fazer existir “centros” e “periferias”, “metrópoles” e “colônias”: sem um senhor de qualquer tipo as máquinas contratuais, como as “antigas” máquinas servis, ficam perdidas, balindo o fim do mundo]. traços desse corpo já aparecem em toda a máquina tribal, mesmo sem ser dominante e enfrentar tanto resistências violentas quanto “adesões genéticas”, “naturais”, “filosóficas”: ele é, agora, o corpo do consumismo com todos os comportamentos necessários a esse “exercício”: se tornou “o corpo”.

*. nesse corpo gasoso [cada vez mais vítreo, transparente em sua constituição de mercadoria] as “políticas de gênero” são cada vez mais deslocadas pros “lugares antigos”, pros “elementos resistentes”, pros grandes e agudos “enclaves de pobreza”, miséria e resistência. nesse mesmo processo se encontram os “homossexualismos”, a adolescência, a criança, as raças, as línguas, as nacionalidades, os degenerados de todos os modelos.

*. as forças desagregadoras vindo de dentro pra fora e de fora pra dentro atingem as “unidades tradicionais”: a máquina contratual não é, não mais será, macho ou fêmea, “negro”, “amarelo”, “branco”, “mulato”, “moço” ou “velho”, “criança” ou “adulto”, “humano” ou “animal” [tudo isso já se tornou mercadoria, tecnologia, estímulos: próteses]: todos os entraves pro “livre fluxo” já caíram em muitos espaços e se disseminam como onda leve e forte, precisando somente de tempo.

*. não somente todos os produtos q envelhecem são jogados no lixo e podem ser reciclados, mas as identidades, os gêneros, as estratégias de vida, o corpo. as questões de gênero desaparecem a partir desses lócus de dissolução intimamente relacionados com as formas das produções, difusões e consumos. somente nas

"antigas periferias" é q as políticas de gênero, de raça, de idade inda podem funcionar ou representarem algo [e têm q se haver com os papéis tradicionais sendo roídos dia a dia pelas mídias pras "novas" produções].

*. os papéis, as performances se misturam, se reespeham, se tornam ecos de si (como era ou se achava q era) e do outro (também como expectativa): "mamãe" e "papai", quando desligados de "macho", "fêmea" e "casal" se reinventam, tanto como imitação quanto com outras formas de relacionamento surgidas com as possíveis combinações [no entanto as contradições não se afastam: se multiplicam, se somam]. "parir" não caracteriza mais "mulher", "fêmea", "mamãe", "feminilidade" ou os "desempenhos esperados": "mamãe" (ou "papai") é "aquilo" q exerce esporadicamente, pontualmente ou por espaços de tempo essa função, sem q ela exija determinado corpo, sem q seja obrigatoriamente de "alguém" [apesar de "socialmente" se manter posições, discursos, práticas "antigas": máquinas transversalizadas]: ela pode e é exercida por empregados, por entidades, por empresas, por instituições: por "machos", "fêmeas", "travestis", "lésbicas" [abarcando todas as performances possíveis e intercambiáveis: o "macho" pode ser a "fêmea" ou a "lésbica" e vice-versa: se condensar somente num desejo-corpo, pro frenesi do consumismo, é desperdício].

*. o exercício de cada "papal" não define mais o "autor", o "ator" nem seus corpos [agora e cada vez mais: quanta energia gasta em produzir um "macho", uma "fêmea", pra nada: os fluíres sociais, os fluíres econômicos exigem menos custos e mais "felicidade", mais "desempenho", mais "otimização": só os idiotes querem o de sempre]. todos os papéis são intercambiáveis, substituíveis, reciclados, reencenados hora a hora, dependendo das exigências da "comunidade de destino", do mercado, dos fluxos do desejo, das interações e suas requisições. a infinidade dos sexos, dos desejos [equivalente da infinidade das mercadorias] se encontram "naquilo" q apenas juridicamente mantém "identidade" reconhecível.

*. somente nas "instâncias de poder" [a visibilidade midiática do poder] o corpo, o sexo, a cor, a nacionalidade devem permanecer sem ambigüidade [a máquina tribal não é jamais hegemônica, uniforme, única: é das múltiplas redes conflituosas de onde parte grande parte das forças]: o domínio inda não pode ser equivalente as redes de fluxo indeterminado próprias do universo sempre em expansão do consumo da presente máquina tribal.

*. o desaparecimento e reformatação desses "papéis tradicionais" ("materialidades" divinas, sociais, biológicas permanentes) não é momento passageiro da máquina tribal ou erro a ser consertado (por uma revolução, pela educação, pela arte, pelo "progresso"). uma "volta ao passado", ao "estado de coisas anterior" só é inda possível onde as novas formatações são apenas traços caricatos dos focos de irradiação ou onde esses papéis inda se exercem plenamente, mesmo sendo bombardeados diuturnamente. homem/mulher, macho/fêmea só sobrevivem como resistências precárias e muitas vezes hipócritas. o q começou como "corpo de sade" [a vitória de corpo sadeano sobre outras formas de corpo: corpo disposto a qualquer outro corpo, vivo ou morto: o corpo de sade como o corpo da máquina tribal capitalista, o corpo cristão des cristianizado] agora se tornou mais uma forma de viver e ser.

*. não há solução porq não há problema. as questões de gênero são aplicáveis somente onde os componentes q lhe possibilitaram razão e eficácia inda vigoram. "gênero" e "espécie" sumiram em corpo e função: o q permanece são programas em sobrecarga, fluxos em cristalizações operacionais.

*. sentimentos, idéias, emoções, são apenas operacionalizações “necessárias e determinadas” pra expressão, realização, repetição e defesa das diretrizes básicas das máquinas contratuais: a perseverança não se realiza sem as determinações, as condições da máquina tribal: a violência, a brutalidade, a urgência, a “profundidade”, a necessidade da realização das diretrizes [sucesso reprodutivo, produzir as produções, sociabilizações] se expressão de várias maneiras, mas todas elas escondem expondo as diretrizes do perseverar, isto é, aparecem como idéias, sentimentos e não como o necessário e ritual inescapável funcionamento da máquina tribal: as diretrizes básicas são instalações produzidas enquanto corpo na formatação [o corpo “é uma” instalação das diretrizes básicas, dos programas, dos rituais] e constantemente reforçadas pelas formações, educações, relações, obrigações, crenças: o corpo é nóculo imaginário simples, com operações interligadas, em ritmo e rima, um levando ao outro, um fazendo o outro aparecer e funcionar: a complexidade acontece noutra dimensão imaginária, a das teorias: toda a comp-lexidade além de ser ficcional, imaginário de crenças corporais corporificadas, é operacionalmente simples, mas não pode existir sem se apresentar profunda, complexa, multifacetada: a ilusão da complexidade advém dos desdobramentos do imediato.

*. as produções produzem corpos pros lugares, corpos certos pra operações, funções, vidas, relações, relativamente determinadas: no arremate de cada vida e cada lugar, o relativo é substituído pelo absoluto, pelo completo, pelo pleno, e o múltiplo por uma espécie de totalitarismo existencial (totalitarismo vítreo): há um “núcleo vivo e potente” q exige, q precisa, q é satisfeito, realizado, protegido, multiplicado, feito circular: o resto é “cobertura” (se apresenta como “cobertura”): mas não há centro, somente atividades realizando as programações essenciais cercadas por tolices, crenças, imaginários.

*. há uma espécie de eixo: uma boca e um sexo – em volta, dentro, antes, gorda, potências imaginárias, dispositivos produzindo as produções, fazendo esse eixo girar, se satisfazer, gozar, querer gozar, precisar gozar – isso é a máquina tribal: boca sexo: o corpo e seus dispositivos, seus imaginários, costumes, forças tudo em volta desse eixo, pra ajudar, proteger, fazer ele persistir: todas as produções retiram suas forças, potências, artifícios, justificativas, razões precisamente disso: boca sexo não são dispositivos, mas a razão de todos os dispositivos: quem cria eles são os dispositivos do entrenós, e eles se põem imediatamente a desejar, a exigir desejo, a implorar gozar, demandar forças de repetição: assim o existente, o existir: “uma estética da existência” não passa de mais um artifício, chamariz, toque de gentileza na brutalidade, ou de ilusão, no irreversível boca sexo: a liberdade em todas as suas “dimensões” não passa de táticas nas grandes estratégias vitais do boca sexo: esse monstruoso corpo metafísico separando as produções e as reproduções, esse corpo mítico q é e precede a máquina tribal, essa evidência estranha q atrai e explica tudo, é não mais q um delírio a mais da máquina tribal.

bibliografia

- Andrade, Daniel Pereira. **Nietzsche e a Experiência de Si como Transgressão**. Annablume, São Paulo, 2007.
- Arendt, Hannah. **A Vida do Espírito**. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1993.
- Bauman, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Zahar, Rio de Janeiro, 2001.
- _____. **Amor Líquido**. Zahar, Rio de Janeiro, 2004.
- _____. **Vida Líquida**. Zahar, Rio de Janeiro, 2007.
- _____. **Vida Para Consumo**. Zahar, Rio de Janeiro, 2008.
- _____. **A Sociedade Individualizada**. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2008.
- Baudrillard, Jean. **A Transparência do Mal**. Papirus, Campinas, 1991.
- Boutroux, Émile. **Exposição da Doutrina de Spinoza Sobre Liberdade**. in Fragoso, Emanuel A. da Rocha, Spinoza: Cinco Ensaios. Eduel, Londrina, 2004.
- Chauí, Marilena. **Espinosa: Uma Filosofia da Liberdade**. Moderna, São Paulo, 1995.
- _____. **A Nervura do Real**. Companhia das Letras, São Paulo, 1999.
- Deleuze, Gilles. **Crítica e Clínica**. Editora 34, São Paulo, 1997.
- _____. **Lógica do Sentido**. Perspectiva, São Paulo, 1998.
- _____. **Nietzsche e a Filosofia**. Rés, Porto, 2001.
- _____. **O Anti-Édipo**. Assírio & Alvim, Lisboa, 2004.
- Espinosa, Baruch de. **Ética**. Abril Cultural, Col. Os Pensadores, tradução de Joaquim de Carvalho, São Paulo, 1983.
- _____. **Tratado da Reforma da Inteligência**. Martins Fontes, São Paulo, 2004.
- Foucault, Michel. **Microfísica do Poder**. Graal, Rio de Janeiro, 1985.
- _____. **História da Sexualidade: O Cuidado de Si**. Graal, Rio de Janeiro, 1985.
- _____. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. Graal, Rio de Janeiro, 1988.
- _____. **História da Sexualidade: O Uso dos Prazeres**. Graal, Rio de Janeiro, 1988.
- _____. **Vigiar e Punir**. Vozes, Petrópolis, 1987.
- _____. **A Arqueologia do Saber**. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1997.
- Hobbes, Thomas. **Do Cidadão**. Martins Fontes, São Paulo, 1992.
- Maeterlinck, Maurice. **A Vida das Abelhas**. Martin Claret, São Paulo, 2002.
- Martins, André. **O mais Potente dos Afetos: Spinoza e Nietzsche**. WMF/Martins Fontes, São Paulo, 2009.
- Marx, Karl. **A Ideologia Alemã**. Presença, 2 vol., Lisboa, 1976.
- Mészáros, Istvan. **O Poder da Ideologia**. Ensaios, São Paulo, 1996.
- Mosé, Viviane. **Nietzsche e a Grande Política da Linguagem**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005.
- Nietzsche, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. Companhia das Letras, São Paulo 1992.
- _____. **Ecce Homo**. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.
- _____. **Genealogia da Moral**. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.
- _____. **Assim Falava Zaratustra**. Vozes, Petrópolis, 2007.
- _____. **A Vontade de Poder**. Contraponto, Rio de Janeiro, 2008.
- Onate, Alberto Marcos. **O Crepúsculo do Sujeito em Nietzsche**. Discurso Editorial, São Paulo, 2000.
- Rocha, Silvia Pimenta Velloso. **Os Abismos da Suspeita**. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2003.
- Stirner, Max. **O Único e sua Propriedade**. Antígona, Lisboa, 2004.

Filosofia do Gosto

MICHEL ONFRAY
Rocco

RESUMO: O paladar e o olfato são, entre os cinco sentidos, os que usufruem de pior reputação já que são generosos em mostrar o quanto o homem que pensa e medita é ao mesmo tempo um animal que sente cheiro e saboreia. Daí o descrédito lançado a todas as atividades estéticas que fazem apelo aos sabores e aos odores, assim, como às artes da cozinha e da bebida. Este livro quer atribuir a dignidade filosófica que falta aos domínios da mesa e a responder afirmativamente a questão de Nietzsche: existirá uma filosofia da nutrição?

SUMÁRIO: Pequena Teoria das Bolhas; Polidez Gulosa e Cena Gastronômica; Vias de Acesso aos Intestinos; O Útero, a Trufa, e o Filósofo; Breve Mitologia das Religiões excitantes; O Império dos Signos Culinários; Celebração da Parte dos Anjos; Estética do Efêmero; Por uma Filosofia Estendida ao Corpo.

Palavras-chave: Filosofia , Culinária, nutrição, Comportamento Humana